

AS BRINCADEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS SIGNIFICADOS PARA AS CRIANÇAS.

Maitê Venuto de Freitas

Graduanda ESEF/UFRGS, bolsista PROPESQ/UFRGS – PIBIC/CNPQ

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Docente do PPGCMH/ESEF/UFRGS, coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS).

Introdução

Esse trabalho é fruto de algumas inquietações que surgiram a partir da prática do estágio docente com o Ensino Infantil. Frases do tipo “essa brincadeira não deu certo”, ou ainda, “elas (crianças) não entenderam nada do que tinha que ser feito”, eram repetidas inúmeras vezes pelos estagiários. No entanto, com um olhar mais atento sobre a reação das crianças diante das atividades dirigidas, algumas perguntas surgiram: a brincadeira não deu certo para quem? Para as crianças ou para o professor? Será que na aparente “bagunça”, as crianças não criaram as suas próprias regras? A partir dessas inquietações, o objetivo desse estudo foi entender de que forma as crianças da Educação Infantil se apropriavam das brincadeiras propostas pelo professor de Educação Física e como construíam maneiras particulares de brincar nesse espaço da aula.



Apropriações

Foi possível perceber que as crianças desenvolviam brincadeiras dentro das atividades orientadas pelos professores, ou ainda, desenvolviam brincadeiras paralelas às aulas. Nesse contexto, observei que a liberdade de participação era uma característica bastante presente na lógica das brincadeiras auto-organizadas, o que conduzia a diferentes apropriações das brincadeiras. Nos momentos em que as atividades eram menos dirigidas nas aulas de Educação Física, as crianças circulavam de uma brincadeira para outra conforme os seus interesses. Em muitos momentos essas apropriações das crianças iam contra a organização dos professores e eram consideradas “bagunça”.

A professora percebendo que as crianças estavam querendo ser pegadas e que faziam o possível para isso, parou a brincadeira e disse que a regra do jogo não era ser pego, mas sim fugir do pegador. Apesar de a professora ter parado a aula para reforçar a regra, as crianças continuavam querendo ser pegadas. O pegador escolhia, entre muitos pedidos, aquele colega que ele queria que assumisse o seu lugar. Desta forma, o jogo passou a ter outro significado (DC, 18/10/12).

Metodologia

Foram realizadas observações sistemáticas, entre setembro e novembro de 2012, nas aulas de Educação Física da Creche Francesca Zacaro Faraco, local onde desenvolvi a prática de estágio no Ensino Infantil e onde surgiram as inquietações dessa pesquisa. Foram produzidos 23 diários de campo os quais serviram como material de análise. Também foram analisados 9 diários de campo produzidos no período em que foi desenvolvido o estágio na Creche.

Além de criarem novas brincadeiras, os jogos propostos em aula eram reinventados pelas crianças com a intenção de torná-los mais atrativos. Em relação aos significados das brincadeiras, posso afirmar que uma brincadeira atrativa é aquela em que as crianças ganham destaque, que são desafiadas e que obtêm sucesso. O professor, em meio a esse processo de apropriações, também assumia funções e significados para as crianças: representava um árbitro, que deveria manter a justiça nas brincadeiras e também um *adulto que brinca*.

Considerações Finais

Estar atento para as lógicas que atravessam o brincar das crianças permite uma ampliação do olhar sobre as aulas e sobre as próprias brincadeiras; compreender as motivações, as formas de apropriações e os significados que as crianças atribuem às brincadeiras propostas (e também para o professor) pode diminuir a distância simbólica entre o adulto (professor) e a criança (aluno). Desta forma, é possível estabelecer diálogos e aproximações com os objetivos estabelecidos pelos professores e os interesses das crianças com as brincadeiras e, dessa maneira, contribuir para o bom andamento das aulas e na busca dos objetivos da Educação Física.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KISHIMOTO, T. M (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Educação, 1998.

----. *Salas de aula de escolas infantis: domínio da fila, tempo de espera e falta de autonomia da criança*. Nuances: Revista do Curso de Pedagogia, Presidente Prudente, v.5, n.4, p.1-7, 1999.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. *Etnografia: saberes e prática*. In: PINTO, R. J.; GUZZELLI, C. A. B. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

THOMASSIM, L. E. C.; STIGGER, M. P. *O "Público Alvo" nos Bastidores da Política: o Cotidiano da Participação de Crianças em Projetos Sociais*. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. 21., Salvador, 2011.

STIGGER, M. P. *Estudos Etnográficos sobre Esporte e Lazer: pressupostos teóricos-metodológicos e pesquisa de campo*. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLES, F. J.; SILVEIRA, R. da (Org.). O Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007